

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SÃO BORJA
CURSO DE JORNALISMO**

RAFAEL COSTA DA ROSA

**ARIALBLACK.INFO: A PRESENÇA DE PESSOAS NEGRAS
NO MERCADO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**

**São Borja
2022**

RAFAEL COSTA DA ROSA

**ARIALBLACK.INFO: A PRESENÇA DE PESSOAS NEGRAS
NO MERCADO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa Dra Alciane Nolibos Baccin

São Borja

2022

Rafael Costa da Rosa

ArialBlack.Info: A Presença de Pessoas Negras no Mercado de Tecnologia da Informação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Alciane Nolibos Baccin
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Marco Antônio Bonito
UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Sara Alves Feitosa
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/03/2022, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/03/2022, às 17:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCO ANTONIO BONITO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/03/2022, às 12:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0757668** e o código CRC **D719A12A**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

RR788a Rosa, Rafael Costa da

ARIALBLACK.INFO: A PRESENÇA DE PESSOAS NEGRAS NO MERCADO DE
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO / Rafael Costa da Rosa.

39 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2021.

"Orientação: Alciane Nolibos Baccin".

1. Informática. 2. Negritude. 3. Tecnologia. 4. Coletivo.
5. Inclusão. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Peço a permissão dos pais e aproveito também para agradecer-los por me acompanharem até aqui. Pai Oxalá, Pai Xangô, Mãe Yemanjá, Mãe Yansã e todos os orixás que me sempre olharam por mim e por toda a minha família. Família, base de tudo. Dedico este trabalho à minha mãe, Nara, que sempre me incentivou a buscar meus lugares dentro dos espaços e sempre me apoiou nas decisões. Dedico à minha irmã, Natália, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando, me fortalecendo e me protegendo. Faço menção ao meu pai, Rogerio, que independente das idas e vindas, esteve presente. Dedico esse trabalho também às minhas avós, Dona Eni e Dona Nicolina, matriarcas de longa data que passaram por um muito e aguentaram de um tudo pela família que criaram. Dedico também esse trabalho à aqueles que se foram. Onira, Paulinho e Chiquinho. Sempre serão lembrados.

Ainda nos parentes, agradeço a toda família, sobretudo aos tão numerosos. Airan, pela inspiração, traçando e mostrando o caminho das pedras no jornalismo indiretamente. Dario, pelos convites e celebração do nosso samba fundo de quintal.

Aos amigos, o primeiro agradecimento é dedicado à minha fiel escudeira, Andressa Almeida, por fazer parte desde 2019. Temos personalidades tão diferentes, não sei como é que a gente não briga? Ao Jefferson, pelas longas conversas nas madrugadas sobre a vida.

Na vida acadêmica, agradeço à minha orientadora Alciane Baccin por me acompanhar nesse grande desafio da escrita do TCC. Obrigado pela sua dedicação, paciência, ideias e ensinamentos (desde a disciplina de Empreendedorismo). Agradeço ao professor Marco Bonito por incentivar os alunos a trazer ideias do jornalismo digital e trazer profissionais negros para palestras em aula. Faço menção também à professora Sara e à professora Roberta, que durante as aulas do ensino remoto, foram sempre atenciosas e solícitas quanto às dúvidas referente à produção de materiais. Divido essa vitória, também com a minha turma de jornalismo de 2019. Vocês foram sensacionais durante toda essa trajetória na Unipampa. Coletivo Niara, PET - História da África, agradeço pelo conhecimento e compartilhamento. Às gurias do Quilombinho, Edna, Richelle, e Aryça, meu muito obrigado.

Celebro essa vitória também aos colegas de Porto Alegre que me apoiaram durante a minha caminhada. Camila Silva e toda a família da Zona Norte. Kizzy, Ariel e Andreza. Agradeço também aos professores Rodrigo Rodembusch e Mariana Oselame por tentarem me convencer a não ir para a Unipampa (ainda bem que deu errado, gente). Aos amigos Alberi Neto, Jean Costa, Ariel Freitas, Aline Bisol, Rarissa Grissuti, Eduardo Muller. Menciono também os amigos Grazielle Borges, Brian Villa Nova, Bruna Santiago, Diana Perla, João Daudt e Pedro Goulart. De São Paulo, agradeço à Thamires Vaccari pela paciência. E por fim, faço menção honrosa à professora Felícia Volkeis por ser a primeira a me falar que “tecnologia não era o curso para mim”, mas que por ironia do destino, acabou sendo tema do TCC.

RESUMO

A grande reportagem multimídia **ArialBlack.Info** parte da experiência pessoal do autor ao refletir sobre o mercado de trabalho na área da tecnologia da informação. Ainda que se mostre um ramo que oferece múltiplas alternativas de trabalho, com as mais diversas ferramentas para desenvolvimento e comunicação, a TI apresenta-se como um mercado extremamente homogêneo, se comportando como se apenas um tipo de público frequentasse os espaços que oferece. **ArialBlack.Info** aborda o viés da quase mínima heterogenia racial presente no cenário do mercado da tecnologia, trazendo como pauta principal a comparência de pessoas negras nos diversos segmentos dentro da área. Por ser um conteúdo digital, características do meio, como a hipertextualidade, estão presentes no material produzido, ou seja, **ArialBlack.Info** apresenta trechos de textos com links para páginas externas, imagens e fotos para melhor compreensão do conteúdo - estas, com texto descrição para pessoas com deficiência visual e vídeos que vem ao encontro do contexto do material. O site conta com entrevistas transcritas, além de uma montagem audiovisual onde entrevistas respondem a um questionamento em comum. Textos expansivos e carrossel de imagens também são recursos usados em **ArialBlack.Info**. O site está disponível com a URL de mesmo nome, obedece aos diferentes formatos multi-tela, uma vez que o material se apresenta como responsivo. Tendo como objetivo visibilizar pessoas negras em um mercado que se atualiza a todo instante, e que está tão presente no cotidiano, **ArialBlack.Info** busca revelar as dificuldades, opiniões, dados, trajetórias de personagens e iniciativas que rodam o mercado. Tudo isso é expresso através de uma linguagem acessível, que atinge desde o profissional já atuante na área, até aqueles com pouco conhecimento no uso de um computador.

Palavras-chave: Informática, Negritude, Tecnologia, Coletivo, Inclusão

ABSTRACT

The great multimedia report **ArialBlack.Info** starts from the author's personal experience when reflecting on the job market in the area of information technology. Although it appears to be a field that offers multiple work alternatives, with the most diverse tools for development and communication, IT presents itself as an extremely homogeneous market, behaving as if only one type of public frequented the spaces it offers. **ArialBlack.Info** addresses the bias of almost minimal racial heterogeneity present in the technology market scenario, bringing as its main agenda the presence of black people in the various segments within the area. As it is a digital content, characteristics of the medium, such as hypertextuality, are present in the material produced, that is, **ArialBlack.Info** presents excerpts of texts with links to external pages, images and photos for a better understanding of the content - these, with text description for visually impaired people and videos that match the context of the material. The site has transcribed interviews, as well as an audiovisual montage where interviews answer a common question. Expansive text and image carousel are also features used in **ArialBlack.Info**. The site is available with the URL of the same name, it obeys the different multi-screen formats, since the material is presented as responsive. Aiming to make black people visible in a market that is constantly updated, and that is so present in everyday life, **ArialBlack.Info** seeks to reveal the difficulties, opinions, data, trajectories of characters and initiatives that run the market. All this is expressed through an accessible language, which reaches from the professional already working in the area, to those with little knowledge in the use of a computer.

Keywords: Informatics, Blackness, Technology, Collective, Inclusion

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivos	12
Geral	12
Específicos	12
1.2 Justificativa	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Website responsivo	15
2.2 Hipertextualidade	16
2.3 Multimídia e acessibilidade	16
2.5 O recorte racial	17
2.6 Mercado de Trabalho	21
3 METODOLOGIA	24
3.1 Dados Específicos	24
3.2 Entrevistados e Entrevistas	24
3.3 Publicação	26
3.4 Grande Reportagem	26
3.5 Grande Reportagem Web: Jornalismo Digital	27
4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	29
4.1 Nome do Site	29
5 CONCLUSÃO	33
6 BIBLIOGRAFIA	35
7 APÊNDICE	38

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, ArialBlack.Info estava sendo pensado para ser um livro-reportagem. Inspirado no trabalho de conclusão de curso de jornalismo da egressa Yasmin Yaluny, em 2019, com o livro-reportagem "30 segundos: A (des)construção da profissão de modelo no Brasil", ArialBlack.Info teria sua publicação na internet e também um formato impresso. Isso possibilitaria a possível convergência digital inserida no conteúdo, de forma que o leitor do livro físico pudesse utilizar os dispositivos móveis para acessar conteúdos no site do projeto. Além do mais, ArialBlack.Info expandiria a sua linguagem na seção de entrevistas, já que estava no planejamento o desenvolvimento de textos utilizando o aspecto de jornalismo literário (storytelling), como forma de aproximar o leitor tanto do conteúdo como também do entrevistado inserido no contexto.

Contudo, muitas das ferramentas que estavam no papel acabaram por ser descartadas justamente pela pandemia da Covid-19. Ainda que iniciada em 2020, mas detectada em dezembro de 2019, o vírus SARS-Cov-2 paralisou muitas ações e atividades no mundo inteiro. Por conta do isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), muito do que foi idealizado para ArialBlack.Info não pode avançar.

No segundo semestre de 2021, a vacina da Covid-19 já era uma realidade no Brasil e estava em processo de aplicação. As vacinas AstraZeneca, CoronaVac e Pfizer foram disponibilizadas aos poucos para a população. Mesmo com a onda de *fake news* impulsionadas por grupos negacionistas e agentes da administração pública, o Brasil avançou no processo de vacinação. Segundo o site *Our World In Data*, até o dia 28 de setembro de 2021, cerca de 150 milhões de brasileiros já tinham tomado, pelo menos, uma dose da vacina. O número de óbitos causados pela doença estava em declínio. No mesmo período, em média, o Brasil teve 681 mortes registradas.

Ainda que a vacina tenha trazido esperança para a população, a pandemia não havia acabado e, enquanto escrevo este texto (fevereiro de 2022), ainda figura

entre nós. As recomendações das autoridades sanitárias permaneciam as mesmas: distanciamento social, frequente higienização das mãos com álcool em gel ou sabão, além do imprescindível uso de máscaras. A ameaça iminente do vírus frustrou os planos de entrevistas presenciais e acompanhamento de profissionais durante suas atividades para a produção de **ArialBlack.Info**, então optamos pelas chamadas em vídeo, por meio de aplicativos de computador.

A pré-produção foi realizada inteiramente na modalidade *home office*, com o acompanhamento da professora e Dra. Alciane Baccin. Durante o componente de “TCC 1” desenvolvemos o projeto do nosso trabalho de conclusão de curso. A professora recomendou a leitura de periódicos disponíveis no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que tivessem publicações relacionadas a negros no mercado de trabalho da tecnologia da informação. Lá, foi possível encontrar informações detalhadas e dados estatísticos sobre o recorte racial na área, além do recorte feminino dentro do quadro profissional em foco do **ArialBlack.Info**.

A partir da pesquisa realizada no Portal de Periódicos da Capes, conseguimos entender o perfil dos profissionais de TI a partir da visão de recrutadores, conforme material de publicação¹ apresentado por Margia Elisa Schuster, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Já Jordão Horta Nunes, em seu artigo² publicado na Revista de Ciências Sociais da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), levanta dados pertinentes ao recorte de raça e gênero dentro do mercado de tecnologia da informação.

Durante a pesquisa do conteúdo para a construção do projeto, também foi relacionado material referente ao jornalismo literário; também dentro do repositório da Capes. “Jornalismo Literário: A produção do livro–reportagem no curso de comunicação social/Jornalismo da UFAM/Parintins”, de Hellen Cristina Picanço Simas³ e Sebastião Nascimento⁴, que detalha um estudo do gênero livro-reportagem como modalidade presente nas academias de ensino, tendo como objetivo a

¹ “Mercado de Trabalho da Tecnologia da Informação: O perfil dos Profissionais Demandado” foi um trabalho que apresentou resultados de uma pesquisa feita com recrutadores responsáveis pelo processo de seleção de profissionais da área de TI. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17539/000718987.pdf?sequence>>

² Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2016.52.3.09>

³ Doutora em Linguística, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM e do curso de Comunicação Social/Jornalismo do ICSEZ/UFAM.

⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade De Tocantins – UFT, graduação em Comunicação Social/Jornalismo da UFAM.

observação sobre narrativas do jornalismo literário e recursos de estilo, em publicações produzidas pelos alunos de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas.

Durante a pré-produção, **ArialBlack.Info** estava destinado a ter uma atuação dentro de uma região estadual específica. Inicialmente, o estado do Rio Grande do Sul seria o palco para entrevistas e apresentação de dados referentes a pessoas negras na área da tecnologia da informação. O que reforçava esse planejamento, também, era o fato dos entrevistados serem todos gaúchos; estes que estiveram presentes na trajetória profissional do autor enquanto atuava no ramo. Entretanto, uma viagem de mudança para São Paulo no final de setembro de 2021 não só alterou os planos como expandiu o planejamento destinado para **ArialBlack.Info**. O recorte não precisava mais ser gaúcho em sua totalidade, mas sim diversificado e distribuído nacionalmente através de dados coletados de iniciativas presentes no eixo São Paulo - Rio de Janeiro, ao longo da trajetória do planejamento.

Em volta do recorte tecnológico, verificamos que na década de 1930, o Brasil importava a tecnologia de países mais desenvolvidos. Mas foi nessa mesma década que o país começou o investimento em ciência e tecnologia, com a criação de importantes universidades. Paulo Henrique Heitor Polon e Luana Caroline Künast Polon, defendem em artigo publicado no jornal O Povo, que “a noção de modernidade está relacionada com o avanço tecnológico”. A criação da USP em 1934 sinaliza os primeiros passos no investimento na pesquisa docente, mas isso não impediu que o Brasil fosse visto como um país atrasado em relação às outras nações. De acordo com os autores, “entre os anos de 1945 até 1990, o Brasil apresentou uma postura de mercado um tanto rígida, e em alguns momentos fechada ao comércio internacional, o que influenciou no baixo desenvolvimento da tecnologia no país” (POLON; POLON, 2015).

Entre o ano de 1945 até a década de 1990, o Brasil não se comportava como uma nação que trabalhasse em prol da inclusão digital, uma vez que se apresentava como um país que não se apresentava inclinado ao ramo tecnológico em relação ao mercado internacional. Potencializado pelo governo autoritário e por uma administração pública marcada por pautas adversas ao avanço de pesquisas científicas, o país atravessou um período no breu em relação a modernidades tecnológicas que são realidades em outros países. Com transformações sociais democráticas, o aprimoramento da engenharia de desenvolvimento e a organização

de programas para a promoção de acessibilidade à educação superior, a inovação tecnológica passa a ser uma realidade. Depois de 1990, o número de produções tecnológicas aumenta, despertando a sede pela modernização.

O desejo de ser contemporâneo – moderno – está ligado ao desejo da contemporaneidade, esse desejo tem ligação com a inovação tecnológica, deste modo, há uma corrida pela criação de tecnologias e consequente ascensão em relação aos demais países. (POLON, POLON, 2015)

Ainda que a tecnologia da informação se expresse, atualmente, com acesso universal, o cenário do mercado de trabalho se comporta totalmente diferente. A desigualdade racial está presente nessa esfera setorial. Grandes nomes são lembrados por sua colaboração à ciência da computação e da informação, como Steve Jobs (in memoriam), criador da Apple, ou Bill Gates, a mente por trás da Microsoft, empresa desenvolvedora do Windows.

Estas grandes personalidades sustentam seus nomes no imaginário social, mas o reconhecimento das cientistas tecnológicas negras como Dorothy Vaughan, Katherine Johnson e Mary Jackson, veio tardiamente, por todo o seu trabalho para NASA. Gerald A. Lawson, engenheiro negro norte-americano que desenvolveu a tecnologia do videogame de cartucho, aparelho tão presente em lares de todo o mundo e que persistiu até a década de 2000. O nigeriano Philip Emeagwali, considerado o maior cientista africano, pelo feito de utilizar 65 mil processadores para inventar o computador mais rápido do mundo. O trabalho destas pessoas não atingem tanta notoriedade, mesmo tendo uma grande trajetória, colaboração em grandes feitos e representatividade do cargo que ocupam. Reginald “Reggie” Fils-Aimé foi diretor de operações da Nintendo of America, o braço norte-americano de uma das maiores empresas de entretenimento eletrônico. Spike Lee, diretor de cinema, responsável por filmes como Infiltrado na Klan (2018) e Malcom X, é outro exemplo de como ser um grande profissional, mas que o reconhecimento também veio tarde.

Iarema Soares, jornalista no Gaúcha ZH, escreveu uma reportagem⁵ em 2019, abordando o mercado de trabalho da tecnologia da informação para pessoas negras. Partindo de um vídeo viral na época, a jornalista traz dados no conteúdo da

⁵Como a ausência de negros trabalhando em tecnologia impacta os produtos criados para facilitar o nosso dia a dia.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2019/04/como-a-ausencia-de-negros-trabalhando-em-tecnologia-a-impacta-os-produtos-criados-para-facilitar-nosso-dia-a-dia-cju32g40e00x001nvv1495xmq.html>

reportagem intitulada “Como a ausência de negros trabalhando em tecnologia impacta os produtos criados para facilitar o nosso dia a dia”. No contexto jornalístico, a jornalista traz dados do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) de 2016, que mostravam que na área de engenharia da computação, 92% dos trabalhadores eram brancos, seguido da área de engenharia mecânica, onde o quadro era composto por 90% de pessoas brancas e, na engenharia aeronáutica, 88%. Já em atividades manuais, os números foram diferentes. Os dados mostram que em áreas de pessoas que trabalharam na área do cultivo de trepadeiras frutíferas e cultura do dendê, por exemplo, mais de 80% dos trabalhadores são negros.

“Arial Black.Info: A presença de pessoas negras no mercado da tecnologia da informação” trouxe tópicos além dos dados que destacam a situação no cenário do mercado de trabalho. A nossa motivação parte da trajetória profissional do autor do produto antes e durante o curso de jornalismo na cidade de Porto Alegre, com a Universidade Ritter dos Reis (UniRitter), antes do ingresso na Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

Este trabalho tem como objetivo abordar, por meio de uma publicação digital, a questão atual da falta de profissionais negros atuando na área da tecnologia da informação, explorando diferentes setores que a compõe. Também trazer pesquisas em fontes de dados ligadas ao estudo do comportamento do mercado de trabalho, iniciativas de causas sociais conectadas ao papel da representatividade de profissionais negros na área de TI (Infopreta, Afropython) e personagens diretos que realizam atividades ligadas à tecnologia, destacando fragmentos do seu cotidiano, a importância do seu trabalho no meio que atua (em relação a seus colegas e clientes) e a realização profissional dentro do setor.

Do ponto de vista social, **ArialBlack.Info** visa buscar trazer uma reflexão sobre os personagens negros que trabalham com tecnologia da informação. Ainda que seja o mercado com mais necessidade no preenchimento de vagas, a democratização do ensino da área de informática em nível técnico, científico e acadêmico não atinge a todos de forma igualitária. Os negros ainda são minorias nas salas de aula de cursos técnicos e acadêmicos na área de TI.

1.1 Objetivos

Geral

Produzir uma grande reportagem multimídia abordando pessoas negras que atuam profissionalmente na área de tecnologia da informação.

Específicos

- Mapear a presença de profissionais negros na esfera tecnomercadológica;
- Entrevistar profissionais negros de TI sobre suas trajetórias, como são tratados e o que observam dentro do ambiente que atuam;
- Retratar a importância dos atuais braços do movimento negro (coletivos negros) dentro de espaços acadêmicos e mercadológicos para empoderamento e profissionalização mútua;
- Valorizar a mulher negra dentro do mercado de tecnologia da informação.

1.2 Justificativa

ArialBlack.Info parte de um traçado pessoal, da reflexão do autor em observar a falta de profissionais negros no ramo de tecnologia. Na necessidade de fazer um conteúdo direcionado para pessoas negras, enxergamos como possibilidade de relacionar a temática a algo tão presente no cotidiano das pessoas. Muitas negras e negros pertencentes à geração Y (nascidos entre os anos 80 e 90) brasileira viram os primeiros computadores domésticos serem anunciados nos comerciais de TV, mas só passaram a utilizar o dispositivo bem depois do que consideram o início da “inclusão digital” no Brasil. Em 2017, Janguê Diniz, mestre e doutor em direito e até então reitor da Universidade da Amazônia (Unama), resgatou o que pode ser considerado o início do processo da democratização da tecnologia no país em publicação na página da universidade⁶. A partir da segunda metade dos anos 90, dispositivos como celulares e computadores começaram a ser mais vistos dentro do quadro do consumo do brasileiro. Entretanto, pessoas residentes de regiões periféricas só passaram a acompanhar o movimento da inclusão digital a partir dos anos 2000.

Demorou um pouco, mas a tecnologia finalmente chegou na periferia, onde a maioria das pessoas são negras. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷ de 2014, 76% dos mais pobres do Brasil são negros. Em 2019, o informativo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, também publicado pelo órgão, mostrou que negros são 75% entre os mais pobres enquanto brancos são 70% entre os mais ricos.⁸ Não mudou muita coisa em uma diferença de 5 anos.

Junto com a precariedade da infraestrutura, a baixa renda e o alto índice de violência que atinge a estas regiões, além do preconceito racial atual, inviabiliza que muitas pessoas negras possam acessar algum tipo de instituição de ensino. Em 2018, dados do IBGE mostraram que 4 a cada 10 jovens negros não conseguiram

⁶A Inclusão Digital no Brasil ainda é um desafio”, disponível em <https://www.unama.br/noticias/inclusao-digital-no-brasil-ainda-e-um-desafio>>

⁷ Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/negros-aumentam-participacao-entre-os-1-mais-ricos-no-brasil>>

⁸ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>>

concluir seus estudos⁹ por conta de alguma situação em paralelo que atingia suas vidas durante o período escolar.

Ainda que existam dificuldades, é notável ver que a população se encontra cada vez mais imersiva na questão da educação. Em relação aos brancos, o número de negros presentes nas salas de aula ainda são poucos, mas, em geral, conforme dados do IBGE, publicados no final de 2019, negros (pretos ou pardos, que integram a população negra, segundo classificação do órgão) passaram a ser maioria nas universidades públicas¹⁰.

Partindo do ponto de vista de experiência do autor deste trabalho, **ArialBlack.Info** traz como justificativa, o registro dos resultados de negras e negros que entraram para a “*boa estatística*”, concretizada pela formação adquirida ao longo de suas respectivas trajetórias e destaque em seus círculos no mercado de trabalho. Tendo como foco a tecnologia, o cenário mercadológico pouco diverso entre empresas mais antigas, a grande reportagem tem como motivação mostrar a pouca, porém presente e resistente, representatividade negra na tecnologia.

⁹ Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/4-em-cada-10-jovens-negros-nao-terminaram-o-ensino-medio.shtml?origin=folha>>

¹⁰ Disponível em

<

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Website responsivo

A internet, rede mundial de computadores, faz a ligação entre diferentes dispositivos e proporciona uma comunicação rápida entre as pessoas conectadas. A ferramenta foi desenvolvida durante o período da Guerra Fria, mas na década de 1990 que a popularização da comunicação eletrônica chegou às empresas e casas ao redor do globo.

ArialBlack.Info faz da internet o seu espaço de uso, utilizando a interface gráfica mais comum da ferramenta de comunicação: o website. A tecnologia “www.” (World Wide Web) foi desenvolvida pelo engenheiro Tim Berners-Lee, responsável por originar o primeiro site a estar “online”, em 1991. Intitulado como “The Project”¹¹, o primeiro site do mundo ainda está ativo e pode ser visualizado.

ArialBlack.Info, publicado na web, foi construído sobre a plataforma Google Sites, que apresenta ferramentas básicas, entretanto, eficazes para a construção do sítio web. O uso deste recurso para construção e divulgação do material concentra-se muito na popularização da rede, atualmente acessível por diversos dispositivos além do computador de mesa. Dispositivos como celulares e até relógios inteligentes (smartwatches) acessam à rede mundial de computadores em poucos cliques ou toques. O desenvolvimento de **ArialBlack.Info** de forma totalmente virtual se reproduz, também, diante do campo tecnológico - tema muito presente no produto.

O termo responsivo, aplicado no site, vem do recurso de que o material original de **ArialBlack.Info**, o site, se adequa a diferentes telas. Independentemente do dispositivo que o leitor utilizar para acessar o conteúdo, seja uma tela de computador de mesa, de notebook ou de um smartphone, o próprio site irá adequar automaticamente ao formato, permitindo uma melhor visualização e leitura por parte do usuário.

¹¹ Disponível em <<http://info.cern.ch/hypertext/WWW/TheProject.html>>

2.2 Hipertextualidade

Devidamente pensados em servir de apoio para a leitura, os links (principal elemento da hipertextualidade) presentes na nossa reportagem abordam os principais fatos que ajudam a contextualizar ao leitor o que está sendo expresso durante a leitura. Todos eles fazem conexão com materiais externos, detalhando algum fato histórico ou registro jornalístico que se integra ao conteúdo tratado de **ArialBlack.Info**. Conforme Mielniczuk (2003), a usabilidade de links atua como uma função paratextual dentro da narrativa jornalística hipertextual. A autora cita John Pavlik (2001), que explica a utilização de hiperlinks e de como eles se comportam dentro de um texto hipermediático. Mielniczuk traz a tradução do conceito

hiperlinks (...) para outros sites na internet; algumas competências interativas, tais como instrumentos para pesquisa e índices eletrônicos acessíveis onde o leitor usa o mouse para selecionar conteúdos diferentes; alguns conteúdos multimídia, tais como fotos, vídeo e áudio; e uma certa customização de sites e de informação, onde os leitores criam e personalizam suas próprias categorias, listas de uso corrente, e outros conteúdos. (MIELNICZUK, 2003, P. 29-30).

2.3 Multimídia e acessibilidade

ArialBlack.Info buscou explorar o máximo de conceitos do jornalismo digital dentro da plataforma utilizada para construção. A utilização de produções audiovisuais e fotos auxiliam na compreensão do conteúdo e proporcionam uma “pausa para os olhos” diante da quantidade de texto presente na publicação. Mielniczuk (2003, p. 49) relembra que “no contexto do webjornalismo, a multimídia caracteriza a convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico em um mesmo suporte”.

ArialBlack.Info explora, além dos links, imagens para contextualizar o conteúdo por inteiro. Aproveitando que o Google Sites oferece recurso de inserção de texto alternativo, as imagens e fotos utilizadas no conteúdo contam com esse recurso. O texto alternativo presente em materiais gráficos garante acessibilidade universal. O professor e Dr. Marco Bonito, da Universidade Federal do Pampa, traz esse debate para a sala de aula, de forma a conscientizar alunos sobre a importância na exploração de ferramentas que objetivam deixar produções acessíveis. **ArialBlack.Info** conta com esse recurso em suas fotos, de forma a proporcionar a informação de forma igualitária ao maior número de pessoas.

ArialBlack.Info utiliza de uma única ferramenta (suporte) e propõe a “leitura” de outros recursos que vão além da narrativa textual, exibindo vídeos externos,

realizados por produções independentes que vem ao encontro do conteúdo tratado, e vídeos internos, produzidos originalmente durante a realização do produto.

2.4 Pirâmide Invertida?

O debate em volta da usabilidade da pirâmide invertida para o ciberjornalismo, presente no artigo escrito por Fernando Zamith (2005)¹² é algo presente no produto referente ao relatório deste trabalho. No artigo, o autor traz as ideias divergentes de pesquisadores da comunicação em relação ao uso do método tradicional da construção de um texto-notícia para espaços na internet. João Canavilhas, por sua vez, inaugura o pensamento que parte da pirâmide invertida para a pirâmide deitada¹³. Para isso, Canavilhas organizou dez páginas da web de uma notícia e a distribuiu em diferentes níveis de informação, todas interligadas em menus e links embutidos. Ao observar os resultados, Canavilhas defendeu que as estruturas textuais em relação à aplicação de uma pirâmide invertida ou deitada, depende do espaço a ser utilizado. Enquanto na modalidade impressa é necessário observar o número de caracteres para encaixar o texto dentro de determinado espaço e trazer a informação da forma mais completa possível, já em páginas da web, o tamanho do texto não é uma preocupação. Sendo assim, exploramos a liberdade de criação do texto na forma de abordar determinado assunto.

ArialBlack.Info não obedece à pirâmide invertida, se aproximando muito mais da pirâmide deitada, partindo das páginas ordenadas em sequência de acordo com a formatação do site.

2.5 O recorte racial

Para correlatar o mercado de trabalho de tecnologia da informação à população negra, primeiramente é necessário refletir sobre a construção estrutural da sociedade, citando o racismo como principal chaga que impossibilita a igualdade social. Após a assinatura da Lei Áurea no dia de 13 de maio de 1888, que libertou negras e negros do escravagismo, políticas de apoio à população recém liberta não foram desenvolvidas. Diferente dos Estados Unidos, que mesmo impondo delimitações, reservou-se à investir em programas de alfabetização e direito à terra

¹² Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-piramide-invertida-cibernoticia.pdf>>

¹³ Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>

para a população negra, a estrutura social brasileira da época abandonou os negros “aos seus próprios narizes”. Antes disso, algumas leis executaram passos curtos em direção à sonhada liberdade, mas isso não ajudava de fato pessoas ex-escravizadas. A Lei dos Sexagenários, por exemplo, garantia liberdade aos negros escravizados que conseguissem chegar até os sessenta anos. Entretanto, vivendo em condições sub humanas e trabalhando à vista de castigos físicos, poucos eram os negros que conseguiam alcançar essa idade. A Lei do Ventre Livre, assinada pela princesa Isabel em 28 de setembro de 1871, garantia que todo o filho de uma mulher escravizada nascia livre a partir daquela data. Entretanto, pela sobrevivência, o pagamento era o trabalho forçado, o que dava continuidade ao regime escravagista.

Com a abolição da escravatura, a população negra se enxergou livre do libambo (corrente de ferro com a qual se prendiam os escravos pelo pescoço), mas sem perspectiva de futuro. Com a falta de direitos garantidos, famílias inteiras se viram sem sustento e trabalho. Nesse período, a exclusão de negros no mercado de trabalho já mostrava sua cara. A mão-de-obra era considerada desqualificada (até para as mesmas atividades de antes da Lei Áurea) diante do novo espelho social e inapropriada à visão da formalidade de trabalho na época. Com esse reflexo, os negros viram-se na obrigação de aceitar trabalhos em condições sub-humanas pela troca da sobrevivência. Diante da reformulação urbana que ocorria no Rio de Janeiro no período pós-escravocrata, os povos mais pobres foram obrigados a buscar moradia nas áreas mais afastadas da cidade. Assim, nasceram as “favelas”, que atualmente, compõem o cenário da cidade do Rio de Janeiro.

O movimento negro sempre esteve presente nas esferas e épocas históricas da sociedade brasileira, mas define-se a década de 1970 o ano inaugural da eclosão do movimento no Brasil. Santos (2009) explica que a organização do Movimento Negro Unificado (MNU) se formou a partir de 1976, quando ações coletivas do eixo Rio-São Paulo unificaram suas pautas antirracistas. Até chegar ao ponto unificado, a autora detalha os movimentos que se articulavam em suas regiões. Em Porto Alegre, em 1971, o Grupo Palmares inaugurou atividades contra o racismo no Brasil, abrindo passagem para diversas iniciativas do movimento negro. Na pauta, exigia que o 13 de maio (dia da abolição da escravatura) não fosse uma data comemorativa, mas sim o 20 de novembro - data de morte de Zumbi dos Palmares - atualmente comemorado como o Dia da Consciência Negra. Por conta da repressão

política da época, jovens negros expressavam as pautas através de atividades culturais. Seguindo o mesmo caminho, surge no Rio de Janeiro o movimento Soul, mais tarde, renomeado como “BlackRio”. Santos (2009) detalha que a ação era

constituída em inúmeros bailes, frequentados por uma juventude negra constituída não só de trabalhadores, mas por estudantes secundaristas e universitários. Esses bailes reuniam milhares de jovens e acabavam interligando os jovens da zona norte e sul do Rio de Janeiro. Os bailes soul do Renascença Clube tornaram-se o ponto de encontro de estudantes e trabalhadores. (SANTOS, 2009, p. 69)

Em movimento paralelo muito semelhante, São Paulo traçava o caminho ao movimento negro. Bailes de soul em várias localidades recebiam pessoas dos quatro cantos da cidade. Chick Show, Clube da Cidade e Black Mad eram pontos de encontros de jovens e trabalhadores negros. A partir de 1970, grupos de dança surgiam em periferias compostas pelo mesmo público que frequentava os bailes.

Segundo Santos (2009), na Bahia iniciava em 1974 o grupo Ilê Ayê, transformando-se na “maior expressão da negritude com identidade étnica na cultura de matriz africana”. O grupo nasceu no bairro do Cuzuzu, com maior população negra da cidade de Salvador. O movimento negro soteropolitano se ramificou. Olodum e Araketu reforçam a militância cultural, com música, ritmos e linguagem corpórea que enfatizam as etnias gege, ketu e angola.

As manifestações políticas ganharam vida em outros lugares como Minas Gerais, Santa Catarina e Maranhão, pautando a luta contra a repressão política sofrida de militares. A partir do eixo Rio-SP, as pautas se encontram e ideias são debatidas pelos lados dos movimentos. Assim nasce o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), rebatizado posteriormente como Movimento Negro Unificado (MNU).

As lutas pelos direitos igualitários e o anseio por políticas públicas raciais surgiram como pautas importantes em rodas de debates, discursos inspiradores e atividades coletivas. Ainda que atuasse como forte voz política no seio social, a ramificação educadora também fez parte do Movimento Negro. Este, tem atuado como uma ponte entre instituições dentro do cenário da população, de forma que pudesse dialogar com todas as esferas, conforme ressalta Nilma Lino Gomes,

partimos do pressuposto de que o Movimento Negro... tem se constituído como um os principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade. Ele organiza e sistematiza saberes específicos ao longo da sua experiência social, cultural, histórica, política e coletiva. (GOMES, 2017, p.42)

O estudo de Gomes (2017) sobre as ramificações do movimento negro vai de acordo com a pesquisa de Santos (2009) apresentada anteriormente neste trabalho. A partir do século XXI, depois de políticas públicas implantadas pelo governo no Brasil (como a Lei 12.711/2012 que instituiu as cotas para negros nas instituições de ensino público e a implantação da lei 10.639/2003 que institui em escolas públicas e privadas o ensino de História Afro-Brasileira e Africana), estudantes negros passaram a se organizar em coletivos dentro dos espaços universitários. O debate dentro dos muros da universidade dialoga com os espaços fora dela, o que mostra-se, como proposta, coletivos negros com diferentes saberes e causas. Na Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja, como exemplo, foi criado o Niara - Coletivo Negro Unipampa São Borja, que visa uma causa social de compartilhamento de ideias, partindo de uma causa de apoio aos estudantes negros que chegam à universidade. Descreve Andressa Almeida, em reportagem na plataforma digital Medium sobre o Niara, que "...Entender a criação do coletivo Niara como o fortalecimento dos estudantes negros e negras da UNIPAMPA é relevante para que se perceba como estas organizações afetam a vida desses universitários".

Em Porto Alegre, o grupo Atinuké traz a proposta direcionada para o estudo de obras que foram dispensadas pela academia. Formado exclusivamente por mulheres negras, o grupo se distancia "da visão eurocêntrica da academia", relata Fernanda Oliveira, professora e doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e criadora do grupo Atinuké. Antes da pandemia da Covid-19, os encontros do grupo eram realizados no Ponto de Cultura Africanamente, mesmo local onde outro movimento negro se reunia, o Miltons. Formado exclusivamente por homens negros, o Miltons traz como proposta a reflexão sobre as masculinidades negras e debatiam temas como família, relacionamentos e sexualidade.

Na área da tecnologia, é possível afirmar que iniciativas formadas por coletivos negros tenham participação na promoção do saber e também na inserção de negras e negros no mercado de trabalho tecnológico. O Afropython, mostra-se como exemplo, sendo um coletivo negro nacional que "existe para aumentar a representatividade de pessoas negras dentro da área de tecnologia", conforme o site da iniciativa. No ano de 2017, o Afropython começou como uma oficina de linguagem de programação, reunindo 50 pessoas divididas entre alunos,

professores e voluntários. Atualmente, atua em cinco capitais brasileiras. Conforme os dados do site, de todos os integrantes do coletivo nacional voltado para tecnologia, 85% são pretos e pretas, 89% não desenvolvem projetos com linguagem de programação de forma profissional e 80% são oriundos de escolas públicas. Composto por profissionais de TI, comunicação e marketing, o coletivo sem fins lucrativos organiza eventos com palestras e aulas informativas sobre o mercado de trabalho nacional e internacional. Na data do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, os eventos organizados pelo Afropython reservavam-se à modalidade online, devido à pandemia da Covid-19.

2. 6 Mercado de Trabalho

Elizete Menegat e Selmara de Castro Balbino abordam os primeiros passos do mercado de trabalho para os negros após a abolição da escravatura. As autoras retratam um país no ápice da ferida do racismo estrutural, quando os negros recém libertos, sem alfabetização ou políticas públicas de apoio, se encontram no conflito com a desigualdade na busca por um função profissional. A barreira para encontrar um emprego era mais dificultosa devido ao período do chamado branqueamento que o Brasil passava. Vários imigrantes europeus chegavam não só para desempenhar atividades profissionais, como também eram peças no processo de eugenia, que consistia em “clarear” a população brasileira. Menegat e Balbino (2015) afirmam que

A política de branqueamento implantada pelo governo brasileiro favorecia a entrada massiva dos imigrantes europeus. Esses trabalhadores eram convocados para clarear a população brasileira. Afinal, os imigrantes europeus têm a cor da pele que simboliza o progresso tão aspirado pelas elites brasileiras. (MENEGAT; BALBINO; 2015, p. 338)

A Agência Brasil publicou em novembro de 2019 uma matéria jornalística sobre a situação do mercado de trabalho no país para pretos e pardos. Segundo a publicação, essa divisão étnica representa 64,2% dos trabalhadores desocupados e 66,1% dos subutilizados. A Agência Brasil baseia a reportagem no informativo de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, divulgado naquele mesmo mês pelo IBGE.

Ainda que os negros representem a maioria da população brasileira (55,8%, segundo levantamento do IBGE no ano de 2019), estes não preenchem os postos

de trabalho com dados proporcionais. Uma vez que compõem o quadro profissional, são maioria em cargos baixos e minoria em funções de liderança ou gerência. Ainda segundo a pesquisa do IBGE publicada na Agência Brasil, nos cargos de liderança, pretos e pardos correspondem a 11,9%, o que contrasta com os 45,3% daqueles que ocupam posições menores (NITAHARA, 2019).

O mercado de trabalho da tecnologia da informação é pouco diversificado. A maioria dos profissionais presentes nos setores mais valorizados, como programadores ou líder de equipes, é ocupado por pessoas brancas. Já os negros estão mais presentes em funções com salários mais baixos e atividades manuais, como técnicos de TI. Isso acontece até o ano de 2004, quando ocorre um processo de inclusão de negros no setor tecnológico, ocupando lugares na área de engenharia de software e análise de sistemas. Mas, por mais que esse processo tenha iniciado há 15 anos, o número de negros ocupando estes espaços ainda é inferior aos brancos. João Horta Nunes explica que “Em 2014, a proporção de negros nesse grupo é maior do que no grupo menos qualificado de técnicos. De forma geral, no que concerne à ocupação no setor, a inclusão de negros é crescente, assim como a possibilidade de ascensão e de reconhecimento social”.

É importante destacar também o quanto a capacitação em cursos de tecnologia são caros. Diante de uma parcela significativa da população que é periférica, o conhecimento em linguagens de programação manifesta-se como algo distante e fantasioso. Colaborando com a inserção de pessoas da classe C no cenário tecnológico, resgata-se a missão incorporada pelos coletivos sociais anteriormente citados, que visam a incorporação destas pessoas no mercado.

Analisando o mercado de trabalho por categoria de gênero, as mulheres negras são as mais injustiçadas no quadro. Encontram-se nas situações mais precárias e com os salários mais baixos, independentemente do grau de escolaridade. “Mulheres negras têm a menor renda mensal entre os trabalhadores com ensino superior (R\$2.918)”, conforme o portal da iniciativa PretaLab¹⁴, projeto que objetiva a inclusão de mulheres negras e indígenas no mercado de trabalho da tecnologia da informação. “Em primeiro lugar estão os homens brancos graduados (R\$6.702), seguidos dos homens negros graduados (R\$4.810) e mulheres brancas graduadas (R\$3.981)”. De modo geral, as mulheres negras também são as que

¹⁴ Disponível em <<https://www.pretalab.com/>>

ocupam os cargos mais baixos. Elas estão presentes em 10,3% de funções mais baixas e apenas preenchem 0,4% de quadros executivos.

Não é só a injustiça profissional que impacta as vidas das mulheres negras, a taxa de mortalidade também é a mais alta do país em relação a outros grupos. Segundo o Atlas da Violência, em 2017, os casos de feminicídio atingiram mais as mulheres negras. Não basta estar na base da pirâmide social, as mulheres negras ainda são as que mais correm risco de vida, pior ainda, dentro dos seus próprios lares.

Diante dos dados apresentados e por todo o contexto histórico da exclusão social de negras e negros por conta do racismo estrutural, **Arialblack.info** tem como proposta não ser apenas mais um material de crítica social, buscando destacar a participação de personagens negros inseridos no mercado de tecnologia da informação, independente do cargo ocupado. É mostrar que estes profissionais capacitados buscam cooperar com a integridade de dados, com a comunicação tecnológica e com satisfação de entregar um trabalho de qualidade para seus clientes.

3 METODOLOGIA

Arial Black.Info: A presença de pessoas negras no mercado de tecnologia da informação tinha como definição se tornar um livro reportagem. Entretanto, devido às condições da pandemia da Covid-19 junto a demandas paralelas que surgiram pelo caminho, o formato livro-reportagem foi dando espaço à grande reportagem multimidiática, explorando os recursos que o espaço web oferece. A grande reportagem aplicada ao formato de site evidencia dados de acordo com as instituições e manifestações científicas selecionadas que contribuíram na construção deste trabalho. Assim, por sugestão da orientadora professora Alciane Baccin, a iniciativa de transformar o livro reportagem em uma grande reportagem no formato digital está em total relação com o tema.

3.1 Dados Específicos

Para conhecer e estruturar o contexto geral na construção do trabalho de conclusão de curso, seguimos pela proposta na obtenção de dados sobre o mercado de trabalho a nível nacional. Para isso, bancos de dados de iniciativas e grupos conectados à integralidade de pessoas negras na área de tecnologia da informação, como o Afropython de Porto Alegre e o InfoPreta de São Paulo foram consultados. Dados oficiais do IBGE também foram explorados.

3.2 Entrevistados e Entrevistas

Conectando o tema com o jornalismo e especificando-o dentro da construção de uma grande reportagem, foi necessária a presença de personagens que expressassem a representatividade dos dados apresentados. Inicialmente, foram reunidos três nomes para conceder entrevista na forma de contribuição ao trabalho, cada um deles de uma área específica da comunicação tecnológica.

As pessoas que cederam entrevista para ArialBlack.Info, em maioria, são profissionais negros que atuam no mercado tecnológico. A única pessoa de fora do campo da tecnologia que foi entrevistada, foi o Prof. Dr. João Heitor, historiador e sociólogo, que apresentou uma análise social de coletivos negros nos círculos profissionais. Na área tecnológica, pessoas de diferentes regiões do Brasil contribuíram para o trabalho:

- Daniel Prata, 28 anos, desenvolvedor de software, residente de São Paulo, que valorizou o papel dos coletivos negros de TI a partir da experiência com o Afropython;
- Dhimylee Silva, 25 anos, desenvolvedora web, de Brasília. Trouxe a visão feminina a partir da sua experiência inicial, uma vez que se encontrava no início da carreira de tecnologia da informação no ato da entrevista;
- Júlio César Brito, 25 anos, engenheiro Front End do Rio de Janeiro, também abordou a carreira profissional no mercado, de um ponto de vista de quem tem mais experiência;
- Diego dos Santos Ferreira, 37 anos, engenheiro de software, também do Rio de Janeiro, realizou observações importantes sobre o racismo estrutural refletido dentro do ramo da tecnologia;
- Marcelo dos Santos, 24 anos, desenvolvedor web, de Brasília, se apresentou como uma pessoa que sempre se dedicou aos estudos na caminhada profissional e que se mantém constantemente alinhado com a reflexão de negros na TI;
- Marilene Lourenço, 34 anos, analista de qualidade sênior, de Belo Horizonte, que abordou que o mercado ainda está muito longe da tão falada “diversidade”.
- Janaína Beatriz, 29 anos, artista gráfica e desenvolvedora de jogos digitais. Formada pela UniRitter em jogos digitais, Janaína Beatriz é moradora de Alvorada e trabalha na empresa Hermit Crab Game Studio, de Porto Alegre.

Com todas as entrevistas, foi possível explorar os pontos de vista de quem já atua na TI. A entrevista com Janaína Beatriz se tornou um vídeo com depoimento da artista digital sobre sua experiência dentro do Afropython. As entrevistas foram realizadas na modalidade online, a transcrição delas se estruturaram mais como um diálogo entre o aluno e o entrevistado do que uma entrevista pingue-pongue. Com perguntas arriscando uma aproximação do leitor com o personagem, para elevar o grau de pessoalidade e humanizar os números que destacamos na reportagem, **ArialBlack.Info** traz a proposta de descrição das entrevistas que não chega a ser considerado um jornalismo literário, mas utiliza de alguns pontos para provocar a imersão. Conforme Del Vecchio et al (2019) algumas características estruturais do chamado jornalismo literário são: publicado em jornal ou revista (ou em livro); estar

ancorada em fatos reais; nascer de grande apuração e investigação e usar a técnica de reportagem de imersão.

A técnica de imersão foi construída a partir da linguagem da narrativa. A utilização de *emojis de teclado* também foram elementos idealizados para conectar o leitor ao entrevistado.

3.3 Publicação

ArialBlack.Info está totalmente operacional e pode ser acessado através do URL www.arialblack.info. A compra do domínio foi realizada dentro do Google Sites pelo preço de R\$50.

O Google Sites foi utilizado sob a orientação da professora Alciane Baccin. A plataforma é uma ótima ferramenta, que disponibiliza um leque de recursos para o básico de um site. Durante a construção deste, a plataforma passou por uma atualização, o que melhorou bastante a edição e a inserção de elementos novos, como o grupo recolhível que expande e contrai um texto dentro do mesmo espaço, recurso utilizado para as entrevistas.

3.4 Grande Reportagem

Uma grande reportagem é uma das principais vertentes do jornalismo de profundidade. Diferente das coberturas jornalísticas dentro do âmbito de *hard news*, uma grande reportagem faz o papel de investigação, verificação, pesquisa e entrevista de personagens sobre fatos que já aconteceram ou que necessitam passar por algum longo processo por terceiros não conectados ao jornalismo.

O fato ou a construção social que o forma, quando se lança ao alvo de investigação para o conteúdo de uma grande reportagem, é inspecionado de acordo com o tema direto ou com elementos que o cercam. Sendo assim, o jornalista aborda o assunto de forma individual, esculpindo o jogo da textualidade e construindo, através de entrevistas, apuração de fatos e levantamento de dados extraídos de instituições condizentes, alguma conclusão ou algum resultado de acordo com a realidade. A necessidade de um tempo maior para apuração também faz parte do roteiro de construção. Ainda assim, é necessário observar os cuidados na construção desta, tendo, por exemplo, atenção à narrativa e objetividade. Conforme Sodré e Ferrari (1986, p. 71 apud RODRIGUES; PORFÍRIO; SILVA, 2016), “a grande reportagem tem características próprias, como a ‘predominância da

forma narrativa’, a ‘humanização do relato’, o ‘texto de natureza impressionista’ e a ‘objetividade dos fatos narrados’”.

3.5 Grande Reportagem Web: Jornalismo Digital

Viabilizando um conteúdo que atenda às exigências da modernidade tecnológica, **ArialBlack.Info** foi publicado de forma totalmente digital em site na internet. Essa modalidade de publicação se integra totalmente ao tema proposto neste trabalho, além de permitir um material multimidiático. A utilização de outras modalidades comunicativas, como hiperlinks, vídeos e áudios compõem a reportagem tornando-a em formato hipermidiático. Baccin e Canavilhas (2015) explicam que:

por modalidades comunicativas se entendem todos os recursos utilizados para facilitar e ampliar a compreensão dos acontecimentos relatados nas reportagens, que podem ser texto escrito, áudio, vídeo, fotografias, animações ou infográficos. (BACCIN; CANAVILHAS, 2015, p.13)

Na questão da contextualização, que também é abordada por Baccin e Canavilhas (2015), o acesso, uma vez publicado na internet, adapta-se à modernidade, sendo acessível tanto pelo computador, como por dispositivos móveis, como tablets e smartphones. Dessa maneira, além da tradicional construção textual presente, o conteúdo também poderá utilizar-se de recursos multimidiáticos, que compõem o jornalismo no ambiente digital.

Ao definirmos a pauta da reportagem, identificamos alguns temas essenciais que necessitariam nossa abordagem e que compõem o produto jornalístico, tais como:

- Racismo Estrutural e Mercado de Trabalho: a explicação epistemológica do racismo estrutural e como isso se reflete no mercado de trabalho.
- Empoderamento: o empoderamento é uma palavra presente dentro de coletivos negros. Tendo como exemplo os grupos citados neste trabalho, assim como outros que possam complementar o material aqui apresentado, o empoderamento de coletivos negros diante do mercado de TI será abordado.
- Representatividade: As entrevistas presenciais buscam mais do que apenas mostrar alguns personagens que atuam no cenário da tecnologia da informação. É retratar a realidade com o objetivo de mostrar que há pessoas

negras profissionais que atuam no ramo e que servem de inspiração para pessoas nos seus círculos.

- Tecnologia: Abordar ferramentas e assuntos relacionados ao tema, de forma que relacione com os campos explorados por cada um dos entrevistados.

4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

4.1 Nome do Site

O nome Arial Black é o nome da variação tipográfica da fonte Arial, que foi desenvolvida pela Microsoft e lançada no Windows 3.1, em 1992. Arial é um clone da fonte Helvetica, utilizada em computadores antigos, mas adquirida pela Linotype. Como os direitos autorais eram caros demais na época, a Microsoft lançou Arial para uso em seus dispositivos na época. Arial Black é uma variante da Arial, com o dobro de pixels de largura. Até hoje, Arial é uma das fontes mais utilizadas por usuários. O alfabeto da tipografia se adequa a diferentes softwares e é uma das fontes padrões para uso de aplicações na internet.

Para o nome do site, a inspiração veio de uma imagem reproduzida na internet. Uma letra “A” da família Arial usando um black power, com os dizeres “Arial Black”. Brincando com o nome da fonte, é possível perceber o elemento da representatividade negra na arte - o cabelo. O “.info” vem de informática, mas foi adicionado após verificar os domínios disponíveis para registrar o site.

4.2 O site

ArialBlack.Info foi totalmente construído na plataforma Google Sites, disponibilizada pela Google através de conta cadastrada (Gmail). O Google Sites oferece um ambiente acessível e de fácil manuseio, de forma que até pessoas sem experiência na área consigam construir um site completo com recursos disponíveis através de recursos como upload de imagens, conexão com YouTube e personalização através do método arrastar e soltar.

O produto foi desenvolvido a partir de um dos modelos pré-prontos oferecidos pelo Google Sites. Partiu do autor personalizar a estrutura, modificando cores e inserindo elementos nas páginas.

4.3 Navegação

As páginas de **ArialBlack.Info** estão renomeadas de acordo com expressões presentes nas caixas de diálogo do sistema operacional Windows. A ideia foi fidelizar o conteúdo do produto a uma das temáticas tratadas no trabalho.

- A página “**Bem-Vindo**” remete à primeira mensagem do Windows XP, quando este era inicializado. Antes de abrir a Área de Trabalho, o sistema exibia a mensagem enquanto carregava as configurações de usuário. Em **ArialBlack.Info**, “Bem-Vindo” recebe o leitor e explica sobre a história da tecnologia de forma geral, já fazendo um recorte racial.
- “**Papel de Parede**” é a imagem que figura as áreas de trabalho nos computadores. Utilizando-se do conceito de “cenário”, no site, a página retrata o recorte racial, partindo da trajetória do autor e de como o mercado se comporta com a tecnologia de negros brasileiros.
- Os ícones, nos computadores, são os desenhos em miniatura que identificam os programas instalados no computador. Em **ArialBlack.Info**, a palavra **Ícones**, no plural, é aproveitada, tanto para o ramo tecnológico como também relacionado à personalidades emblemáticas. Portanto, nesta seção, o leitor encontra personagens negros que fizeram ou fazem parte da área da tecnologia da informação.
- Enquanto no sistema operacional, as “**Atualizações**” garantem a segurança e recursos aprimorados para o computador, no produto, o termo é retratado como uma atualização de iniciativas coletivas que partem de pessoas negras em espaços relacionados à cultura tecnológica.
- **Entrevistas** é o único termo que não tem relação com sistema operacional nas páginas de navegação de **ArialBlack.Info**. Isso fica por conta da imagem utilizada como banner, onde as figuras estabilizam a conexão e fazem a comunicação. Essa troca de informações é representada pelo “sinal do wi-fi” de cada um.
- O título “**Desligar?**” remete ao Windows XP que exibia uma caixa de diálogo quando o usuário optasse por desligar ou reiniciar o computador. **ArialBlack.Info** traz o questionamento e, na sequência, responde valorizando a importância da valorização da representatividade negra na tecnologia da informação. Nesta aba, o site faz um recorte histórico sobre o movimento negro no Brasil e qual o papel que ele desempenha hoje a partir de uma nova roupagem, ou seja, por coletivos negros presentes em diferentes esferas sociais.
- Por fim, “**SystemInfo**” é um termo utilizado no Windows para obter informações sobre o software. Reutilizando a ideia, aqui é exibida a

mensagem que **ArialBlack.Info** quer deixar aos leitores, cumprindo o papel de conscientização para todos.

4.4 Logomarca

ArialBlack.Info teve inspiração inicial em uma imagem publicada pela iniciativa Repertório Criativo¹⁵. Segundo o site, a imagem é André Fantin e é datada de maio de 2012¹⁶. Passou a ser reproduzida depois de aparecer em resultados de pesquisa de imagens após o dia 20 de novembro (Dia Nacional da Consciência Negra).

Posteriormente, a loja virtual Montik passou a comercializar camisas com uma nova versão do “Arial Black Power”. Dessa vez, a letra A utiliza o cabelo black power, óculos escuros e é transpassado por um triângulo amarelo. A arte foi desenvolvida pelo estrategista de marca Magno Dias.

Para o desenvolvimento do logo do “A” de **ArialBlack.Info**, a inspiração veio de ambas imagens acima citadas, com alguns elementos extras. O design do óculos segue uma linha um pouco diferente da arte anterior, e o cabelo se assemelha muito a um cérebro - fato proposital, pois em algumas produções de animação e também do ramo de videogames, o cérebro (geralmente relacionado a vilões) remete à genialidade científica e tecnológica. O símbolo “</>” está diretamente relacionado aos códigos de linguagem de desenvolvimento. Na cabeça, o pente de memória refere-se ao pente garfo, utilizado historicamente por negros como símbolo de estética, empoderamento e também resistência.

4.5 Vídeos

Os vídeos utilizados em **ArialBlack.Info** são, em maioria, produções audiovisuais externas, que objetivam ajudar na contextualização e identificação do conteúdo observado no site. Entre os vídeos, três foram realizados justamente para o site.

O primeiro reúne respostas dos entrevistados respondendo a um único questionamento de âmbito profissional. Esse vídeo, unicamente, foca no áudio da produção, uma vez que, durante o desenvolvimento do site, a ideia era que

¹⁵ Site disponível em <<http://www.repertoriocriativo.com.br/>>

¹⁶ Imagem disponível em <<http://www.repertoriocriativo.com.br/arial-black/>>

explorasse alguma ferramenta sonora para inserir no Google Sites. Entretanto, falhas no código impossibilitaram a inserção de player externo na produção. A integração do Google Sites com o Youtube foi a solução mais ágil.

Os dois últimos vídeos são entrevistas inteiras com o sociólogo professor Dr. João Heitor e a artista digital Janaína Chumi. No primeiro vídeo, o professor detalha a história e a importância de coletivos negros dentro dos retratos sociais. Em paralelo, relatando a sua experiência, Janaína fala sobre o coletivo Afropython e sobre o quanto é necessário que iniciativas promovam este tipo de evento para capacitação e empoderamento de pessoas negras na tecnologia da informação.

Os três vídeos anteriormente citados foram editados e publicados pelo autor do produto. Todos os vídeos em **ArialBlack.Info** são legendados, de acordo com a opção de ativação do YouTube.

4.6 Entrevistas

Devido à pandemia da Covid-19, não foi possível realizar entrevistas presenciais com nenhum dos entrevistados. Em São Paulo, houve tentativas de visitar a InfoPreta, mas o escritório estava fechado por conta das medidas de prevenção ao vírus. De Brasília, os contatos com entrevistados foram realizados através de egressos da turma de jornalismo da Unipampa, assim como contatos do Rio de Janeiro.

Para as entrevistas, foi utilizado o Google Meet institucional da Universidade Federal do Pampa, com o recurso de gravação. Já na última entrevista, realizada com Má Lourenço, o Skype foi o software usado, uma vez que o Meet não apresentou o recurso de gravação.

5 CONCLUSÃO

A partir da construção da grande reportagem podemos dizer que **ArialBlack.Info** cumpre seu principal objetivo que foi produzir essa narrativa jornalística trazendo à luz pessoas negras que atuam profissionalmente na área de tecnologia da informação. Também destacamos que a reportagem faz o alerta sobre a falta de profissionais negros na esfera tecnomercadológica; deu voz a profissionais negros de TI que puderam falar sobre suas trajetórias, como são tratados e o que observam dentro do ambiente que atuam; retratou a importância dos atuais braços do movimento negro (coletivos negros) dentro de espaços acadêmicos e mercadológicos para empoderamento e profissionalização mútua; mesmo que de forma tímida provoca um olhar para a educação e o conhecimento na área de TI para pessoas negras, tendo em vista, a falta de profissionais no mercado em contrapartida com o oferecimento de vagas e procurou também valorizar a mulher negra dentro do mercado de tecnologia da informação.

Com isso, podemos dizer que estamos orgulhosos e satisfeitos com o resultado de **ArialBlack.Info**, pois conseguimos atingir nossos objetivos e, principalmente, realizar um trabalho digno em relação às pautas raciais. Através da pesquisa realizada durante a produção, foram descobertos os grandes passos dados pelo povo negro ao longo da história do Brasil. Refazendo o trajeto histórico, partindo dos tempos do escravismo até os dias atuais, destacamos as vitórias de uma luta infinita contra o preconceito.

Os bastidores das conversas de antes e depois com os entrevistados, mostrou o quanto cada personagem negro atuante na tecnologia da informação não consegue enxergar outras pessoas negras ao seu redor. Não ao ponto de não ter pessoas negras trabalhando ao seu lado, mas sim por essa pessoa não fazer parte do dia-a-dia, de forma mais direta. Aconteceu o mesmo na Unipampa, com o coletivo Niara, em dezembro de 2019, quando foi combinada a “foto dos pretos” na Unipampa - Campus São Borja. Ainda que fôssemos poucos, cada um enlouquecido com suas respectivas agendas acadêmicas, o momento da foto foi quando “caiu a ficha” e notamos o quanto somos fortes e sorridentes quando estamos juntos no mesmo ambiente. E os personagens retratados em **ArialBlack.Info** trazem isso. Os coletivos negros, como o próprio Afropython, cumprem esse papel de fazer a ficha cair e fortalecer os integrantes do grupo, de forma que estejam preparados para as

barreiras impostas pelo tradicionalismo da braquitude no mercado de trabalho. Importante salientar como a maioria dos integrantes falam sobre a nova cultura da diversidade. As empresas pintam esse outdoor de colaboradores de diferentes origens e aspirações, mas sabemos o quanto é difícil se adaptarem com uma “nova cultura”. Eles, os brancos, não se adaptaram com a nossa ainda.

ArialBlack.Info cumpre o papel de ser uma iniciativa que se soma a outros grandes projetos que objetivam promover a cultura da tecnologia para jovens negros que não têm tanto acesso a um computador. Antes, as pessoas não se enxergavam como profissionais realizados dentro do ramo, mas **ArialBlack.Info**, mostra que sim, é possível e existem grupos dispostos a lutar pelo objetivo, ou andar em paralelo a ele, de tornar a tecnologia mais verdadeiramente diversa e mais preta.

6 BIBLIOGRAFIA

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA. Academia Internacional de Cinema. **Conheça 5 diretores negros e seus principais filmes!** 2020. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/diretores-negros/>. Acesso em: 05 set. 2021.

ALMEIDA, Andressa. **NIARA**: aquela que tem grandes propósitos. Aquela que tem grandes propósitos. 2019. Atividade da disciplina de Técnicas de Produção Jornalística, ministrada pela Professora e Doutora em Comunicação Vivian Carvalho Bellochio, no curso de jornalismo da Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja. Disponível em: https://medium.com/@andressaalmeida_/niara-aquela-que-tem-grandes-propósitos-eb5d242b19e5. Acesso em: 24 ago. 2021.

BACCIN, Alciane; CANAVILHAS, João. CONTEXTUALIZAÇÃO DE REPORTAGENS HIPERMÍDIA:: narrativa e imersão. **Brazilian Journalism Research**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 10-27, 16 set. 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/716/616>. Acesso em: 05 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. **Lei de Cotas - Perguntas Frequentes**. 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CARRIZO, Pedro. **Grupo debate conceitos e problemáticas enfrentadas por homens negros**. 2018. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cadernos/empresas_e_negocios/2018/09/647948-grupo-debate-conceitos-e-problematicas-enfrentadas-por-homens-negros.html. Acesso em: 28 ago. 2021.

DORI PRATA (São Paulo). Meio Bit. **Reggie Fils-Aimé deixará a presidência da Nintendo of America**: 15 anos após entrar para a Nintendo e se tornar uma das principais caras da empresa, Reggie Fils-Aimé pega todos de surpresa e anuncia sua aposentadoria.. 15 anos após entrar para a Nintendo e se tornar uma das principais caras da empresa, Reggie Fils-Aimé pega todos de surpresa e anuncia sua aposentadoria.. 2019. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/398156/reggie-fils-aime-deixara-a-presidencia-da-nintendo-of-america/>. Acesso em: 05 set. 2021.

ESTRELAS Além do Tempo. Direção de Theodore Melfi. S.I.: 20Th Century Fox / Disney, 2017. (128 min.), HD, color. Legendado. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/estrelas-alem-do-tempo/2xa2YdiOJXQt>. Acesso em: 05 dez. 2021

GELEDÉS, Portal. **Grupo de estudos Atinúkê aprofunda a pesquisa sobre o pensamento da mulher**: Iniciativa aborda perspectivas que foram negligenciadas pela academia. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/grupo-de-estudos-atinuke-aprofunda-a-pesquisa-sobre-o-pensamento-da-mulher/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017. 154 p.

KÁTIA KISHI. Galoá Journal. **Quem foram as 3 cientistas negras da NASA em "Estrelas Além do Tempo"?** Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/quem-foram-3-cientistas-negras-da-nasa-em-estrelas-alem-do-tempo>. Acesso em: 05 set. 2021.

LIMA, M. R. D. V. de; FERNANDES, J. C.; CONCEIÇÃO, C. S. da; MACEDO, K. C. de A. **Posfácios da coleção Jornalismo Literário**: que jornalismo é esse?. RuMoRes, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 347-369, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2019.153363. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/153363>. Acesso em: 5 set. 2021.

MACIEL, Danielle Vaz. **O Jornalismo Tem Cor**: quais os desafios enfrentados por jornalistas negros no rio grande do sul?. 2021. 92 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2021.

MARINGONI, Gilberto. **História - O destino dos negros após a Abolição**. 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28. Acesso em: 24 ago. 2021.

MENEGAT, Elizete; BALBINO, Selmara de Castro. Periferia, mercado de trabalho e cor:: configurações sócio-territoriais do racismo brasileiro. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 335-345, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18462/9651>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na Web**:: uma contribuição para o estudo do formato da notícia e na escrita hipertextual. 2003. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de E Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6057/1/Luciana-Mielniczuk.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

MUENCHEN, Ricardo Degregori *et al.* A Importância da Construção de Websites para a Divulgação de Atividades Acadêmicas. **Salão do Conhecimento - Ciência Alimentando O Brasil**, Ijuí, v. 1, p. 1-6, set. 2016.

NITAHARA, Akemi. **Negros são maioria entre desocupados e trabalhadores informais no país**: levantamento do IBGE reúne dados de diversas pesquisas. Levantamento do IBGE reúne dados de diversas pesquisas. 2019. Publicação da Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>. Acesso em: 30 ago. 2021.

NUNES, Jordão Horta. Gênero e raça no trabalho em tecnologia da informação (TI). **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 383-395, dez. 2016.

POLON, Paulo Henrique Heitor; POLON, Luana Caroline Künast. SOBRE A TECNOLOGIA NO BRASIL. **O Povo Online**. Fortaleza, p. 1-1. 27 jan. 2015. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/artigos/2015/01/27/noticiajornaldoleitorartigos,3383667/sobre-tecnologia-no-brasil.shtml>. Acesso em: 05 set. 2021.

RODRIGUES, Géshica; PORFÍRIO, Iago; SILVA, Marcos Paulo da. A grande reportagem no tratamento de temas socialmente urgentes: uma análise da reportagem Ceasa:: trabalho infantojuvenil sob os olhos da sociedade. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, Campo Grande, v. 6, n. 6, p. 70-79, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/download/2210/1870>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SANTOS, Gevanilda. **Relações Raciais e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009. 94 p.

SCHUSTER, Margia Elisa. **Mercado de Trabalho de Tecnologia da Informação: o perfil dos profissionais demandado**. 2008. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17539/000718987.pdf?sequence>. Acesso em: 05 mar. 2022.

VIOLÊNCIA, Atlas da. **Taxa de Homicídios Mulheres Negras**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/128>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ZAMITH, F. Pirâmide invertida na cibernotícia: a resistência de uma técnica centenária. *Prisma.com (Portugual)*, n. 1, p. 175-192, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/72673>. Acesso em: 05 mar. 2022.

7 APÊNDICE



Fig. 1 - Entrevista com Daniel Prata via Google Meet (03/12/2021)

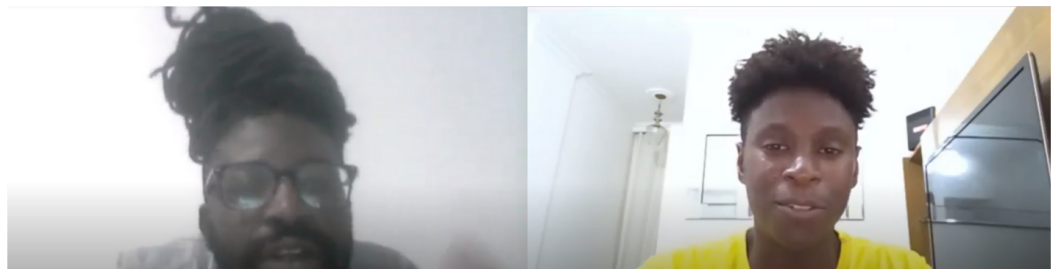


Fig. 2 - Entrevista com Diego Ferreira via Google Meet (07/12/2021)

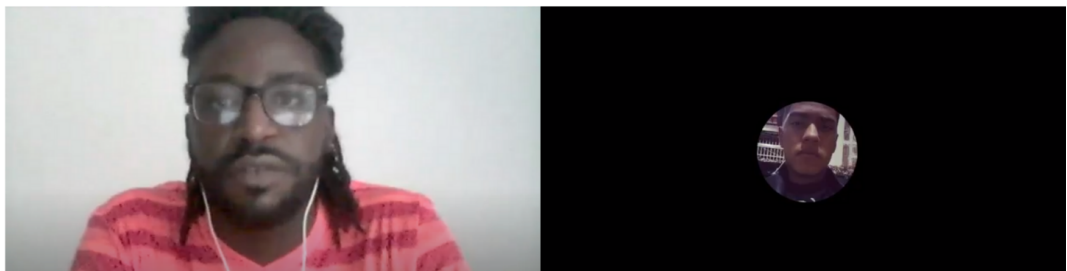


Fig. 3 - Entrevista com Marcelo dos Santos via Google Meet (13/12/2021)

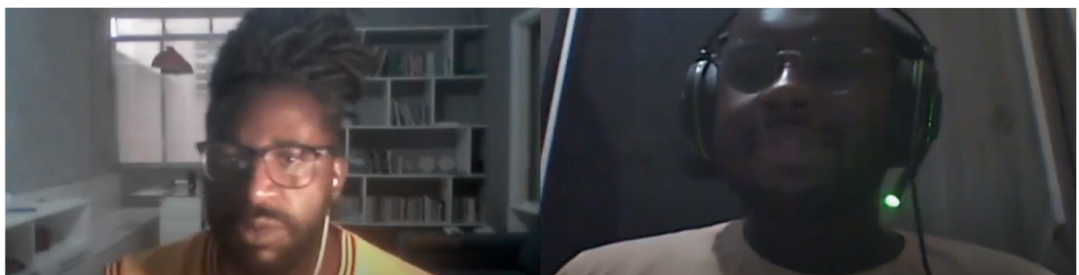


Fig. 4 - Entrevista com Júlio César Brito via Google Meet (29/12/2021)

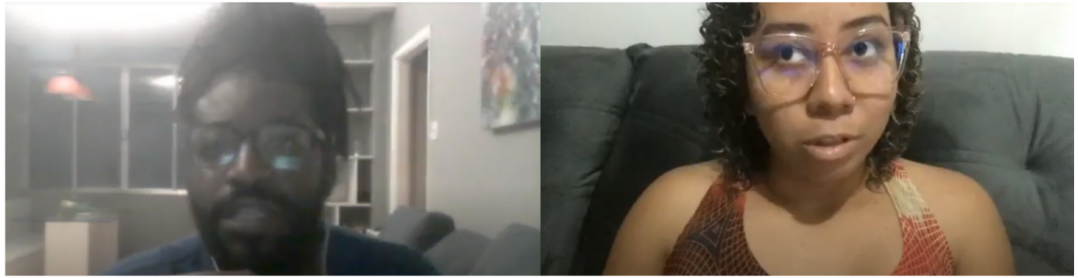


Fig. 5 - Entrevista com Dhimylee Silva via Google Meet (11/01/2022)



Fig. 6 - Entrevista com Marilene Lourenço via Google Skype (13/01/2022)



Fig. 7 - Da esquerda para a direita, o “Arial Back” do Repertório Criativo, do Magno Dias e do **ArialBlack.Info**.